O conceito de cultura nas ciências sociais

ANTHONY SEEGER

Antropologia Cultural — a parte da antropologia relativa ao conceito de cultura — está realizando algumas novas e importantes contribuições às ciências sociais. Para um tempo fragmentado por uma tendência a reduções formalistas e materialistas culturais, o conceito de cultura, praticamente obscurecido pela expansão da antropologia social, reaparece como um conceito-chave na antropologia nos últimos anos. Clifford Geertz e Marshall Sahlins defendem sua importância na análise das sociedades complexas e das nações emergentes (Geertz, 1973; Sahlins, 1976a). David Schneider afirma que parentesco é mais do que *status* e papel (Schneider, 1968, 1976), enquanto Sahlins afirma que não é simplesmente um modo do DNA produzir mais DNA (Sahlins, 1976b). O conceito de cultura não é apenas usado para analisar pequenos domínios de sociedades obscuras ou para discutir os Estados Unidos (Schneider, 1968, 1976; Sahlins, 1976a), a Indonésia, Bali, o Marrocos (Geertz, 1973), mas para criticar teorias globais do comportamento humano.

The Interpretation of Cultures (New York, Basic Books Inc.) de Clifford Geertz é uma coleção de artigos escritos num período de quinze anos, reunindo alguns trabalhos importantes de interesse para todos os cientistas sociais. A esses artigos Geertz acrescentou um ensaio introdutório original. Os trabalhos, embora bastante variados, estão todos relacionados com o significado e com a definição (variada através dos anos) do conceito de cultura. No ensaio introdutório Geertz define cultura utilizando-se de uma metáfora:

> Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significado que ele mesmo teceu, eu considero cultura como sendo aquelas teias e sua análise sendo, portanto, não uma ciência experimental à procura de leis mas uma ciência interpretativa à procura de significado. (Geertz, 1973. p. 5).

Criticando outros que, à procura de fatos culturais, perderam contato com os domínios políticos e econômicos estratificados da vida social, assim como com as necessidades biológicas e físicas sobre as quais aqueles se apóiam, Geertz afirma que a análise deve se dirigir para aqueles domínios e necessidades em primeiro lugar.

> Portanto, escrevi sobre nacionalismo, sobre violência, sobre identidade, sobre natureza humana, sobre legitimidade, sobre revolução, sobre etnia, sobre urbanização, sobre *status*, sobre morte, sobre tempo e a maior parte deles sobre tentativas específicas de povos específicos de colocar estas coisas em alguma espécie de estrutura significativa. (Geertz, 1973. p. 30).

Mais do que tudo, esta citação resume o conteúdo do livro.

Clifford Geertz fez pesquisas em três sociedades de grande-escala — Java, Bali e Marrocos. Parte da importância deste livro é que ele contém um número de artigos sobre ideologia e política das "nações emergentes" (capítulos 8-12). Contém também dois artigos sobre evolução e cultura (capítulos 2 e 3), e vários sobre análise antropológica de religião e de visão de mundo (capítulos 4-7). Somando-se a isso há uma discussão de *Tristes Tropiques* e de *Savage Mind* (capítulo 13) e uma análise cultural das relações sociais em Bali (capítulo 14).

O ensaio introdutório, *Thick Description: Toward an Interpretative Theory of Culture,* adota a posição extrema de ver a antropologia basicamente como uma etnografia interpretativa, sem desenvolvimento cumulativo ou teorias verdadeiras. O objeto da etnografía é "descrição densa" — descrição que distingue atos significativos daqueles que não o são (Geertz discute a diferença entre a piscadela significativa e a piscadela por reflexo). Estes atos devem, então, ser interpretados por sua importância: o que é que está sendo dito (Geertz, 1973. p. 11). Em acréscimo à sua posição quanto ao papel da antropologia, Geertz faz críticas a muitas teorias de autores não-especificados. O resultado é semelhante a um *roman à clef* onde é possível identificar Lévi-Strauss, a "Etnociência", parte da Antropologia Social Inglesa, estudos de comunidade e outros.

O ensaio introdutório é, ele mesmo, "denso" e difícil de entender, a menos que seja lido em conjunto com o ensaio final, *Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight,* publicado pela primeira vez em 1972. Também tornam-se mais explícitos certos pontos, num trabalho posterior (Geertz 1976). *Notes on the Balinese Cockfight* é um *tour-de-force* da literatura antropológica, onde Geertz demonstra

brilhantemente suas afirmações programáticas. Ele inicia com a descrição do trabalho de campo do autor, mostrando como o seu contato e de sua mulher com os balineses foi facilitado, quando foram expulsos da praça da aldeia, por soldados que dissolviam uma briga-de-galos local. Por razões um tanto acidentais, a briga-de-galos tornou-se um campo de investigação antropológica. Geertz discute o duplo sentido lingüístico de galos, e o comportamento físico a eles dirigido. Com grande quantidade de detalhes, descreve o cenário para as lutas e a natureza da aposta. A aposta, de grande importância, é fundamentalmente a dramatização de preocupação com *status* e associação ao grupo. "Aparentemente apenas, são galos que ali estão lutando. Na verdade são homens". (Geertz, 1973, p. 417). Geertz não termina sua análise no paralelo entre briga-de-galos e relações sociais — e aqui sua análise vai além das de Radcliffe-Brown, Fortes e Gluckman. Ele afirma que, desde que os homens não estão realmente lutando (afinal, são os galos), a briga-de-galos é uma forma de arte que, como outras formas de arte, torna compreensível a experiência comum e diária. Isto é feito pela apresentação da experiência diária por atos e objetos cujas conseqüências práticas são removidas, tornando-se manifestação transparente. Desta forma, o significado pode ser mais poderosamente articulado e percebido com maior exatidão. A briga-de-galos é "uma leitura balinesa da experiência balinesa, uma história que eles se contam sobre eles mesmos" (Geertz, 1973, p. 448). Como a cerimônia Naven de Bateson, a briga-de-galos, por sua dramática diferenciação da ação diária, é um desempenho cultural que torna os outros domínios da sociedade mais compreensíveis. Este argumento pode ser usado para o estudo de qualquer forma de arte, seja mitologia, cerimônia, circos, carnavais, ou futebol.

Produções simbólicas, como brigas-de-galos, não são simples reflexões de uma sensibilidade preexistente. Geertz afirma que elas são agentes positivos na criação e manutenção de tal sensibilidade. Elas são, para usar termos que Geertz apresenta em *Religion as a Cultural System* (capítulo 4), ao mesmo tempo *modelos dos* outros domínios da sociedade (sensibilidades preexistentes) e *modelos para* os outros domínios. Cultura não é simplesmente um reflexo da ação social, mas, em algum grau, determina a ação social. A análise cultural é então um estudo do modo de como a cultura se relaciona com os outros domínios da sociedade e com a ação.

Notes on the Balinese Cockfight não é simplesmente uma análise da briga-de-galos de Bali. É um ensaio sobre investigação an-

tropológica, a partir do qual é mais fácil ler os outros artigos. Geertz passa da chegada do antropólogo ao campo, através de sua cuidadosa coleção de dados sobre lutas individuais, à sua análise final na qual generaliza a briga-de-galos para outras formas de arte — incluindo jogos, romances e esportes. Geertz revela, assim, a força da afirmação enunciada no ensaio introdutório: "Antropólogos não pesquisam pequenas cidades; eles pesquisam nas pequenas cidades" (Geertz, 1973. p. 22). Através de uma "união dialética" entre o mais local dos detalhes locais com o mais global das estruturas globais ele procura torná-los explicações um do outro (Geertz, 1976. p. 235).

Como resultado do plano do livro — uma coleção de artigos diversos — algumas idéias são pouco desenvolvidas. Às vezes é possível dirigir ao próprio Geertz uma crítica que ele dirige a outros:

> Muitas tentativas de encontrar concepções culturais gerais, dispostas em contextos sociais específicos, se satisfazem em serem meramente evocativas, em colocar uma série de observações concretas em justaposição imediata... Argumentos explícitos são raros porque não há, tanto por intenção quanto por omissão, quase nenhum termo no qual enquadrá-los, e fica-se com uma coleção de anedotas ligadas por insinuações, e com o sentimento de que, embora muito tenha sido tocado, pouco foi compreendido (Geertz, 1973. p. 312).

Esta não é uma crítica inteiramente legítima de fazer, baseando-se nestes artigos — que pretendem mais levantar questões do que respondê-las. Para um tratamento mais prolongado destes temas Geertz publicou uma série de livros (Geertz, 1960, 1963a, 1963b, 1975). De fato, é exatamente a visão ampla, a brilhante exposição e a simplificação de certos debates, tornando as idéias acessíveis a não antropólogos, que faz desta coleção de artigos uma contribuição tão importante para as ciências sociais.

Se podemos dizer que Geertz toma as ferramentas da antropologia cultural e as aplica a culturas complexas ("relatos de perder o fôlego de noventa milhões de pessoas" [Geertz, 1976. p. 235]), Sahlins, em *The Use and Abuse of Biology: an Anthropological Critique of Sociobiology*, com o conceito de cultura defende as ciências sociais contra a onda de reducionismo biológico que, nos últimos anos, provocou nos Estados Unidos interesse e debate acadêmico e popular. Enquanto que em 1971 as maiores sessões da Associação Antropológica Americana eram reservadas à análise de parentesco e estruturalismo, em 1976 elas estavam reservadas, por dias consecutivos, aos simpósios de antropologia biológica e de sociobiologia. Foi feita

uma tentativa de banir a sociobiologia dos encontros, como reacionária e racista, mas ela foi rejeitada pelo conselho dirigente. Sahlins observa com exatidão que a sociobiologia propiciou uma crise de *connaissance* e de *conscience*, de conhecimento e de consciência pública. O argumento de Sahlins contra a sociobiologia é convincente, e é, iplicitamente, um argumento contra qualquer tipo de reducionismo que ignore as construções simbólicas (cultura) de membros específicos vivendo em sociedades específicas.

De acordo com um dos mais importantes praticantes e porta-vozes da sociobiologia, E. O. Wilson da Universidade de Harvard,

> A sociobiologia e as outras ciências sociais, assim como as humanidades, são os últimos ramos de biologia à espera de sua inclusão na Síntese Moderna. Uma das funções da sociobiologia é, então, reformular os fundamentos das Ciências Sociais de modo que atraia estes assuntos para a Síntese Moderna... (Wilson, citado em Sahlins, 1976b. p. xi).

É claramente um ataque direto, entre outras coisas, ao conceito de cultura como uma coisa em si mesma, como uma criação humana distinta e simbólica (Sahlins, 1976b. p. x).

A resposta de Sahlins tem, basicamente dois enfoques. Em primeiro lugar, usando o parentesco e a organização social na Polinésia como base, ele afirma que os seres humanos não maximizam a perpetuação de seu próprio DNA através da organização de suas sociedades. Desde que se possa mostrar que os grupos locais são mais importantes do que puramente os laços de parentesco genealógicos, a "lógica genealógica" proposta pelos sociobiólogos não pode ser confirmada. Cultura é biologia mais capacidade simbólica (Sahlins, 1976b. p. 65). Ao usar o parentesco e a organização social para debater os problemas importantes nas Ciências Sociais, Sahlins continua uma tradição há muito estabelecida na Antropologia, utilizando-a com bom resultado. As conclusões gerais sobre as condições específicas da organização de grupo local na Polinésia exemplificam-se numa discussão de Geertz: "pequenos fatos falam de grandes problemas porque são adequados a isso" (Geertz, 1973. p. 32).

O segundo enfoque da resposta de Sahlins é uma relativização da ideologia da sociobiologia enquanto ciência. Na sociobiologia, os princípios da "seleção natural" foram transpostos do nível das espécies para o nível individual; assim, cada indivíduo está engajado na competição com todos os outros indivíduos, a fim de maximizar sua própria descendência e a continuação de seu DNA. Por uma

ênfase no conflito em lugar da adaptação, e pela redução da seleção natural do nível das espécies ao nível dos indivíduos, a sociobiologia aproxima-se bastante das teorias dos pensadores utilitários como Hobbes, cujo famoso *"bellum ominum contra omnes"* somente recebe um contexto "científico" no século XX. Não é por acaso que as generalizações sobre "espécies humanas" estão baseadas nos testes psicológicos dos estudantes das universidades americanas e nas generalizações do comportamento animal. Os conceitos particulares do capitalismo são estendidos à humanidade (Sahlins, 1976b. p. 99).

A sociedade Ocidental interpreta a natureza segundo sua própria imagem. Marx mostrou que a teoria de Darwin da seleção natural era semelhante à guerra de Hobbes de todos contra todos (carta para Engels, citado em Sahlins, 1976b. p. 102). Então, para completar o círculo, a natureza é tomada como um modelo para a sociedade humana — os seres humanos são interpretados através da ótica da natureza como esta é percebida pela ciência ocidental. A biologia evolucionista tornou-se ideologia nativa (Sahlins, 1976b. p. 91).

> A sociobiologia ... é somente a última fase deste ciclo: o fundamento do comportamento social do homem é uma noção desenvolvida ou científica da evolução orgânica, que é, em seus próprios termos, a representação da forma cultural da ação econômica (Sahlins, 1976b. p. XV).

Sahlins e Geertz, ambos afirmam que o estudo dos sistemas de significados, a cultura das outras sociedades, pode auxiliar e relativizar esta tendência de repetir, na nossa própria ciência, a nossa própria ideologia.

> A vocação essencial da antropologia interpretativa é ... tornar acessível, para nós, respostas dadas por outros [povos em sociedades diferentes], guardando outros carneiros em outros vales, e então incluí-las no registro de consulta sobre o que o homem tem dito (Geertz, 1973. p. 3).

Dumont, assim como Geertz, tentou relativizar nosso conceito utilitário de homem como indivíduo, competitivo e sem cultura (Dumont, 1966). Para Sahlins, se a etnologia (o estudo das sociedades humanas) for reduzida à etnologia (o estudo do comportamento animal) como está sendo ameaçada, então "nós devemos abandonar todo o conhecimento do mundo humano constituído significativamente e assim uma das melhores esperanças de nos conhecermos" (Sahlins, 1976b. p. 107). A importância do conceito de cultura para as ciências sociais é, portanto, múltipla e seu objeto não é diferente delas:

> Olhar as dimensões simbólicas da ação social — arte, religião ideologia, ciência, lei, moralidade, senso comum — não é afastar-se dos dilemas existenciais da vida por algum domínio olímpico de formas não-emocionais; é mergulhar no meio deles (Geertz, 1973. p. 30).

Geertz, Sahlins e Schneider, todos estudam o caráter criativo da cultura e orientado para a ação — os aspectos "de modelos para ação". Entretanto, eles não afirmam que a cultura seja a única responsável pela ação social — pelo contrário, enfatizam a importância de outros domínios (Schneider, 1976. p. 197; Sahlins, 1976b. p 66; Geertz, 1973. p. 30). O que colocam como essencial é que a análise não pode permitir que se ignore a cultura, os significados simbólicos socialmente constituídos que informam a ação social. Através de suas análises, sempre cuidadosamente traçadas de atos específicos de culturas específicas, estes autores estão fazendo afirmações importantes sobre a natureza social da ação humana. Um aspecto importante da Antropologia Cultural é moderar todas as formas de reducionismo nas teorias sobre seres humanos e sociedades humanas sem estabelecr, em troca, uma teoria reducionista própria. O trabalho destes autores merece uma leitura cuidadosa porque eles estão falando consistentemente de homens individuais nos mais amplos termos comparativos.

Tradução de MYRIAM MORAES LINS DE BARROS

BIBLIOGRAFIA

DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: essai sur le sisteme des castes.* Paris, Gallimard, 1966.

GEERTZ, Clifford. *The Religion of Java.* New York, The Free Press, 1960.

————. *Agricultural involution: the process of ecological change in Indonesia.* 1963a.

————. *Peddlers and princes: social development and economic change in two indonesian towns.* 1963b.

————. *The interpretation of cultures.* New York, Basic Books inc, 1973.

————. "Frim the native's point of view": on the nature of anthropological understanding". In: BASSO & SELBY (org.) *Meaning in Antropology.* Albuquerque, University of New Mexico Press, 1976. p. 228-238.

GEERTZ, Hildred & GEERTZ, Clifford. *Kinship in Bali.* Chicago and London, The University of Chicago Press, 1975.

SAHLINS, Marshall. *Culture and practical reason.* Chicago, The University of Chicago Press, 1976a.

————. *The use and abuse of Biology: an anthropological critique of Sociobiology.* Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1976b.

SCHNEIDER, David. *American kinship: a cultural account.* Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1968.

————. "Notes toward a theory of culture". In: BASSO and SELBY (org.) *Meaning in Anthropology.* Albuquerque, University of New Mexico Press, 1976. p. 197-220.